

## Ativismo entre redes e emoções

Aline Stéfanie Corrêa <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata do ativismo do coletivo Ocupa Alemão e busca mostrar que sua atuação vai além de reivindicar reconhecimento, sendo que, num sentido mais amplo, ele mobiliza emoções para a reivindicação do significado da favela na cidade, através de seus próprios termos. Buscando explorar essa relação, exploramos a mobilização das emoções nas reivindicações e na luta informacional dos movimentos sociais contra o discurso das mídias tradicionalmente hegemônicas que nomeiam a realidade. Para entendermos tal atuação, precisamos responder algumas questões fundamentais: porque as emoções importam? Por que é tão importante para um movimento entrar num embate discursivo? E qual o papel das redes e da internet em sua atuação?

**Palavras-chave:** ativismo; alemão; atuação; emoções.

Nas densas relações em que os movimentos sociais são inseridos, a discussão sobre os significados e a formação da ação coletiva envolve não apenas estruturas cognitivas, mas também emoções ligadas à cultura. Goodwin, Jasper e Polleta (2006), através de uma abordagem culturalista e centrada especificamente na dimensão microssociológica, reivindicam o lugar das emoções nos estudos dos movimentos sociais. Eles argumentam que as emoções foram inadequadamente estudadas nos movimentos sociais, sendo que o termo emoção teve pouca rigorosidade conceitual, servindo para ilustrar uma série de entidades distintas e que possuem diferentes origens e afetam a ação de forma diferente. Além disso, elas tem sido constantemente ligadas à irracionalidade.

Por isso, afim de refutar tais concepções e demonstrar sua importância, os autores delineiam conceitos que diferenciam tipos específicos de emoções, sendo eles: (i) emoções de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pelo PPGS/UFF

reflexo, (ii) laços afetivos, (iii) estados de espírito, (iv) emoções com base em concepções morais e cognitivas complexas.

Assim, consideram que emoções de reflexo (medo, surpresa, raiva, nojo, alegria e tristeza) são aquelas que surgem de repente, sem processamento cognitivo consciente e de forma involuntária. Elas envolvem um conjunto complexo, mas regular de alterações fisiológicas, incluindo expressões faciais, reflexos musculares, sendo apenas mais coordenado e complexo. As expressões de emoções reflexas podem ser semelhantes em todas as culturas, mas suas causas não são. O que assusta membros de uma cultura pode ter pouco efeito sobre outras.

Já os laços afetivos são as ligações que estabelecemos através de sentimentos nutridos por algo ou alguém. Segundo os autores, estes laços podem minar ou reforçar os movimentos sociais. Assim, dentro de movimentos em curso, os sentimentos dos indivíduos podem se concentrar em subgrupos ao invés do todo, como por exemplo, trabalhadores em greve podem sentir mais solidariedade por seus companheiros imediatos ou união local do que com uma união central de trabalhadores de toda a indústria.

Os estados de espírito são menos instantâneos que as emoções reflexas, sendo que normalmente os carregamos de uma situação para outra. Desta forma, um estado de espírito formado em um contexto pode afetar a forma como pensamos e agimos em outro. Bom humor nos tornar mais otimistas e nos dá sentimentos mais positivos sobre os outros. Os líderes dos movimentos buscam muitas vezes despertar nos participantes sentimentos de esperança ou otimismo, uma sensação de que eles podem causar um efeito transformador positivo através de sua ação coletiva.

As emoções morais são entendidas por Goodwin, Jasper e Poletta (2006), como talvez o maior grupo de emoções, que surgem de entendimentos cognitivos complexos e de uma consciência moral, que reflete a nossa compreensão de mundo e, por vezes, de nosso lugar nele. A compaixão é um sentimento complexo cultural especialmente importante para movimentos altruístas, com pouca sobreposição entre ativistas e beneficiários. Já a indignação é um componente de choques morais que muitas vezes levam as pessoas a procurar grupos de protesto, bem como proporcionam a propulsão dinâmica para os denunciante.

Assim, os organizadores dos movimentos trabalham muito para inspirar e espalhar emoções morais, que muitas vezes definem um movimento. Como realizações culturais, as emoções morais são especialmente e intimamente ligadas à cognição. As narrativas e discursos tem papel central na sua criação e servem também para reforçá-las. Estas emoções não são sempre espontâneas. Os autores afirmam que ativistas podem montar estratégias sobre que tipos de emoções serão exibidas, assim como quais os tipos de emoções que querem estimular nos participantes do movimento, sobre as metas e adversários. Eles podem apelar às emoções comuns para garantir o apoio para sua causa. Porém, alertam, muito embora seus cálculos de estratégia pareçam apenas cognitivos, a forma como os atores irão trabalhar as emoções, quem tem que tipos de emoções e quais seus efeitos, fazem parte de uma epistemologia da emoção, que é dada culturalmente.

Nos movimentos sociais em específico, diferentes emoções atuam de forma diversa em diferentes campos. Assim, laços afetivos são importantes para o comprometimento dos indivíduos com uma causa e a internet facilita um maior comprometimento na medida em que reduz os custos do envolvimento - mas chegaremos mais tarde à este ponto. Uma emoção reflexa, como o medo que se sente por conta do barulho de um vidro quebrado por um tiro, pode desencadear um estado de espírito de aflição quando tiroteios são frequentes, podendo se transformar na motivação para a organização de uma ação coletiva. A partir do momento que a ação coletiva está posta, essa motivação vira uma emoção moral, como a indignação por estar vivendo numa condição de aflição constante. Buscamos a partir destas noções exploradas por Goodwin, Jasper e Poletta (2006), analisar um pouco do ativismo do Ocupa Alemão, que tem explorado um pouco da dimensão emocional em sua atuação:

No dia 26 de novembro de 2012, um jovem de 18 anos, morador do Morro da Fazendinha, foi cruelmente assassinado por dois PMs à paisana dentro de sua própria casa. Uma semana depois, foi promovido em conjunto por jovens do Alemão e do Borel um ato em repúdio à violência policial. O sucesso do evento, com atividades de conscientização política e a entrega de uma carta aberta ao comando da UPP, deu origem ao coletivo Ocupa Alemão, que une jovens do Complexo com o intuito de promover a ocupação política e cultural dos espaços públicos.

O coletivo nasceu, assim, como resposta ao movimento de militarização da cultura, dos espaços públicos e das relações sociais, contribuindo para fortalecer o debate sobre direitos na favela. Acreditamos que as novas tecnologias da informação e comunicação, em especial as ferramentas da comunicação popular potencializadas pela uso das mídias digitais, podem fazer crescer exponencialmente o apelo à apropriação dos espaços públicos, fazendo valer o direito à cidade e à autodeterminação (Goodwin, Jasper e Poletta ,2006).

A passagem acima é parte da descrição da página de perfil de Facebook do Coletivo Ocupa Alemão, que contextualiza o coletivo e sua atuação, além de expor a importância atribuída às tecnologias de informação pelos próprios agentes. A indignação aparece neste início como o motor para a formação do grupo e é através dela que boa parte de sua atuação está sendo feita. É neste sentido que o coletivo Ocupa Alemão tem se mobilizado, ajudado a organizar e participado de eventos contra a violência policial nas favelas, buscando denunciá-la e a relacioná-la com o que acontece na cidade.

Na Plenária ocorrida no dia 17 de março, na Praça do terço em Nova Brasília no Complexo Alemão, na presença de representantes de movimentos sociais, lideranças e moradores da comunidade, foi apresentado o Manifesto “Queremos ser felizes e andar tranquilamente na favela em que nascemos”, circulado na internet e assinado por mais de 100 grupos entre coletivos de mídia alternativa, movimentos sociais, institutos de pesquisa, associações de moradores, etc., além das assinaturas individuais.<sup>2</sup>Exponho aqui alguns trechos:

(...) o braço do Estado que mais entra na favela é o braço armado. Sem escola não há pacificação, sem saúde não há pacificação, sem saneamento básico não há pacificação, sem lazer não há pacificação. O símbolo da paz no Rio de Janeiro não podem ser as armas, a pistola, o fuzil e os blindados. (...) é possível perceber que só a presença da polícia nos territórios ocupados não tem trazido a paz. Existem vários casos, em favelas com UPP de abuso de poder, arbitrariedades e desaparecidos, como é o caso do Amarildo, na Rocinha; e de jovens assassinados por policiais como: André de Lima Cardoso, 19 anos, Pavão-Pavãozinho; José Carlos Lopes Júnior, 19 anos, morador de São João; Thales Pereira Ribeiro D’Adrea, 15 anos, Morro do Fogueteiro; Jackson Lessa dos Santos, 20 anos, Morro do Fogueteiro; Mateus Oliveira Casé, 16 anos, Manguinhos; Paulo Henrique dos Santos, 25 anos, Cidade de Deus; Aliélson Nogueira, 21 anos, Jacarezinho; Laércio Hilário da Luz Neto, 17 anos, Morro do Alemão e Israel Meneses, 23 anos, Jacarezinho. Nesta política não podemos deixar de citar os policiais mortos na ação suicida do Estado. Não aceitamos essas mortes, nenhuma vida vale mais que a outra e é preciso que o Estado se responsabilize. (...) Repudiamos totalmente a forma com que os meios de comunicação tem feito a cobertura da ação da polícia no Complexo do Alemão e em outras favelas. Entendemos que o morador de favela não pode ser visto como um inimigo. O governo diz que as favelas estão pacificadas, mas então porque tanta arma ostentada pela polícia? (...) As propostas de ‘PAZ’ devem ser construídas coletivamente com toda a favela. Não se constrói uma política de paz, com o pé na porta, agredindo gratuitamente seus moradores, não se constrói paz com caveirão. No atual modelo, ‘independente de quem manda’, os moradores continuam sem ter sua voz ouvida. Temos a consciência que o pobre tem seu lugar.

A indignação surge neste texto em vários momentos: (1) nas primeiras linhas, com a ausência do Estado em tantos campos e com a sua presença apenas militar e que ainda aparece

<sup>2</sup> Disponível em <[http://www.peticao24.com/manifesto\\_queremos\\_ser\\_felizes\\_e\\_andar\\_tranquilamente\\_na\\_favela](http://www.peticao24.com/manifesto_queremos_ser_felizes_e_andar_tranquilamente_na_favela)>.

por trás de um discurso de paz; (2) a atuação das UPPs e seus abusos de poder, arbitrariedades, jovens desaparecidos e mortes; (3) a forma como a mídia retrata a ação das UPPs; (4) violência gratuita da polícia contra os moradores; (5) a falta de diálogo com a população.

Na rápida exposição acima, buscou-se mostrar o papel da indignação no ativismo do coletivo contra a violência policial e a naturalização da morte do favelado. Mas ainda há outras esferas emocionais que podem ser evocadas. Como por exemplo, a busca por uma recuperação do sentido emotivo da morte na favela. A questão de fundo nesta indignação, vem da transformação da morte em número, a partir do esvaziamento emotivo feito pelos meios de comunicação da morte na favela ou da desvalorização da vida neste espaço. Com relação à isso, percebemos que há uma luta pela apropriação do sentido do discurso sobre a realidade— travada contra o Estado, mas também contra os meios de comunicação tradicionais.

Para Alexander, os movimentos mais contemporâneos surgem de estruturas e códigos parcialmente conscientes das sociedades civis, através de sistemas sociais em que a solidariedade civil está fragmentada e a independência institucional das esferas não-civis foram alvo de sistêmica deturpação. Desta forma, os movimentos sociais não se voltam somente ao Estado, dirigem-se também a instituições comunicativas, como a mídia (que tem mais capacidade de persuasão do que a força) e também para as instituições reguladoras (como as leis, que fazem cumprir as obrigações sociais e individuais de caráter universal). Diante de potenciais apoiadores, os movimentos sociais nas sociedades civis precisam representar determinados valores. Alexander (1998) os vê, assim, “como inovadores culturais capazes de criar novas normas e novas instituições que permitam canalizar recursos de uma maneira diferente” (ALEXANDER, 1998, p.22). Assim a força dos movimentos depende fundamentalmente do compromisso subjetivo com a lealdade e a solidariedade, sendo que este compromisso só é estabelecido se os movimentos manipularem novas formas de significado e novas identidades pessoais e grupais mais atraentes.

Os significados manipulados pelo movimento social buscam trazer suas interpretações do que é bom e mau para a sociedade como um todo, tentando fazê-las aparecer como "essências que separam o puro do impuro, amigos de inimigos, o sagrado do profano" sendo que os códigos impuros representam uma identidade merecedora de repressão,

enquanto os códigos puros constroem os candidatos ao exercício de repressão. (ALEXANDER, 1998, p. 23)

Dessa forma, pode-se entender que quando o coletivo questiona a violência policial contra o favelado e a forma como a mídia veicula tais informações, está buscando inverter o significado socialmente aceito de tais acontecimentos, tentando trazer para a sociedade uma nova interpretação do que é bom e mau – apontando que a polícia, que é formalmente aceita como o bom, ao praticar uma violência desmedida é maléfica e o favelado, que no imaginário social é visto como pertencente à um território de violência e tráfico, é na verdade a grande vítima.

Ainda em Alexander (1998) os movimentos sociais constituem um grupo específico, mas que buscam representar a sociedade como um todo, seus desejos e seus melhores interesses. O que legitima a construção do movimento e constitui sua principal motivação é a referência às obrigações criadas pela sociedade civil. A ação coletiva é tida, então, como uma luta por posições frente aos antagonismos das categorias da vida civil, que tem o anseio de representar outros atores definidos “por categorias negativas e impuras e para representar a si mesmo como sagrado.” (ALEXANDER, 1998, p. 24) A política é entendida, assim, como uma luta discursiva; que trata da distribuição de líderes e seguidores, grupos e instituições, ao longo de conjuntos simbólicos altamente estruturados.

É nesse campo discursivo que o coletivo entra buscando inverter o sentido negativo do entendimento do que é a favela. Esforçando-se para ressignificar o próprio espaço da favela, o Ocupa Alemão expõe imagens e convida a população para eventos no Complexo. Tais atividades também são parte de uma busca por uma nova representação no espaço e no imaginário do que é a favela na cidade: a favela como espaço onde há problemas e não como um espaço que é problema.

Snow (2006) considera que os significados não são automaticamente ou naturalmente dados por objetos, eventos ou experiências vivenciadas, mas na verdade, surgem por meio de processos interativos e interpretativos. Assim, a construção do significado ou o papel de significar do coletivo, de seus participantes e outros atores (como os inimigos, elites, mídia, contra - movimentos, etc.) são relevantes para os interesses e desafios em jogo.

Assim, afirma Snow (2006), em contraste com uma visão predominante dos movimentos sociais, que os concebe como portadores de ideias pré-configuradas e crenças, a perspectiva de *frames* enquadra os movimentos como agentes significantes, isto é, que produzem e fazem a manutenção de significados para os protagonistas, antagonistas e para a sociedade em geral.

Então, assim como governos locais, o Estado, representantes de outras estruturas de autoridade, a mídia e o público interessado, o próprio Ocupa Alemão está envolvido numa política de significação. O termo *framing* é utilizado para conceituar o ato de enquadrar, ou atribuir significado e interpretar eventos relevantes e as condições gerais, a fim de mobilizar potenciais adeptos, apoiadores e para desmobilizar os que são contra o movimento. Assim, os produtos resultantes da atividade de *framing* dentro do campo dos movimentos sociais são referidos como *frames* de ação coletiva.

O *frame* produzido e mobilizado pelo coletivo Ocupa Alemão que está sendo analisado aqui é, neste sentido, a violência policial na favela. É importante ressaltar que tais *frames* de ação coletiva não são entendidos apenas como estruturas cognitivas localizadas na mente dos indivíduos, mas eles também são propriedades de organizações ou coletividades e podem ser analisados como tal, se expandindo para *master frames* de acordo com a abrangência que a significação criada atinge na sociedade. Além disso, o conceito de *master frames* torna cada vez mais importante quando a escala de protesto e mobilização se expande, envolvendo coalizões de grupos e organizações do movimento, como acontece com a globalização recente ou transnacionalização dos protestos.

Assim, pode-se dizer que o Ocupa Alemão está envolvido numa política de significação, que não é dada por um coletivo apenas, mas por um processo de negociação que permeia as relações dos indivíduos que compõem o coletivo e do coletivo com outros grupos externos. Nessa política de significação, a rede de relações que um grupo consegue estabelecer é fundamental para que suas significações ganhem força e suas demandas sejam fortalecidas. Nesse processo de mobilização as emoções são fundamentais. Não somente as emoções morais, evocadas nos discursos do coletivo, como também os laços afetivos, que dão densidade e determinam o comprometimento com uma causa. Diani (2006) introduz uma ampla discussão sobre a importância das redes e sua relação com a participação. O autor entende a relação entre redes e participação como um caso específico da relação da ligação

dos indivíduos, dando destaque à suas identidades, e a participação em grupos. Assim, afirma ele, que enquanto a identidade dos ativistas dos movimentos sociais é determinada pela combinação de suas múltiplas participações em grupos, os indivíduos, por serem membros de diferentes grupos e organizações, criam vínculos entre eles.

As redes, nesse sentido, passam a ser recursos de indivíduos. Diani (2006) considera que essa perspectiva permite reconhecer melhor que as atividades do movimento social são geralmente incorporadas em configurações relacionais densas, além de propiciar a exploração mais detalhada das ligações entre múltiplas relações que, em última análise, compõem um movimento social. Assim, afirma, as redes facilitam o envolvimento nas atividades dos movimentos sociais, podendo ser consideradas como uma versão particular de capital social.

A importância da internet como facilitadora de contatos entre redes é demonstrada na análise da circulação deste manifesto. Das assinaturas em grupo foram 36 de Organizações comunitárias/ONGs, 12 de Mídia comunitária/alternativa, 30 de outros coletivos, 14 de Grupos de pesquisa/ estudo/ estudantes e 14 de outras origens. As assinaturas, tanto de grupos como individuais são em sua grande maioria de agentes identificáveis como envolvidos num mesmo tipo de ativismo, ainda que sua localização territorial não necessariamente seja adjacente. Essas ligações mostram que o engajamento nesta forma de ação coletiva se dá através de um laço afetivo, expresso pela proximidade e identificação partilhada de causas comuns entre os grupos.

Assim, percebemos que a conexão estabelecida entre os grupos na internet aparece como produto, mais também como produtora de redes. A rede online não se orienta por uma localização geográfica específica, mas pela identificação de proximidades de significação. Estas redes significativas oferecem ao coletivo a oportunidade de apresentar ou reproduzir a imagem de um espaço social que normalmente é invisibilizado pela mídia ou atrelado apenas à um cenário de violência. A materialidade desta nova significação do espaço é a informação e seus modos de transmissão – mediados pela linguagem, perpassada por códigos emotivos. Assim, o espaço territorial da favela, que era configurado no imaginário como vazio ou apenas palco de violência, passa a ser circulado através de outras imagens. E, para que essas imagens da favela e ressignificações da violência saiam da órbita do coletivo, as redes estabelecidas com outros grupos é fundamental.

### Referências:

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.13, p. 5-31, 1996.

BARNES, J.A. Redes sociais e processo político. In BIANCO, Feldman- (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos, Sp, Global, 1987.

BENFORD, Robert D.; HUNT, Scott A. Collective Identity, Solidarity, and Commitment. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.), The Blackwell Companion to Social Movements. 4a ed. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

BOTT, Elizabeth. Family and Social Network. Londres: Tavistock, 1957

DIANI, Mario. Networks and Participation. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.), The Blackwell Companion to Social Movements. 4a ed. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

GOODWIN, J.; JASPER, J.; e POLLETA, F. Emotional dimensions of social movements. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.), The Blackwell Companion to Social Movements. 4a ed. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para Mapear o Confronto Político. In: Lua Nova, São Paulo, v. 76 p.11-48, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a02.pdf>. Acesso em Abril, 2014.

MITCHELL, J.C. The Concept and Use of Social Networks .In: Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns. Manchester: Manchester University Press, 1969. MANIFESTO: Queremos ser felizes e andar tranquilamente na favela. Disponível em:<[http://www.peticao24.com/manifesto\\_queremos\\_ser\\_felizes\\_e\\_andar\\_tranquilamente\\_na\\_favela](http://www.peticao24.com/manifesto_queremos_ser_felizes_e_andar_tranquilamente_na_favela)> Acesso em: 10 de Outubro de 2014.

MELUCCI, Alberto. Challenging Codes: Collective Action in the Information Age. New York: Cambridge University Press, 1996.

OCUPA ALEMAO. Página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaAlemao>> . Acesso em: 10 de Outubro de 2014.

SNOW, David. Framing Processes, Ideology, and Discursive Fields. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (orgs.), The Blackwell Companion to Social Movements. 4a ed. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

TARROW, Sidney. *Power in Movement: Social Movements and Contentious Politics*. Nova York, Cambridge University Press: 3a ed. Revisada e atualizada, 2004

TILLY, Charles. *Social Movements as politics*. In: *Social Movements: 1678-2004*. Londres: Paradigm, 2004.